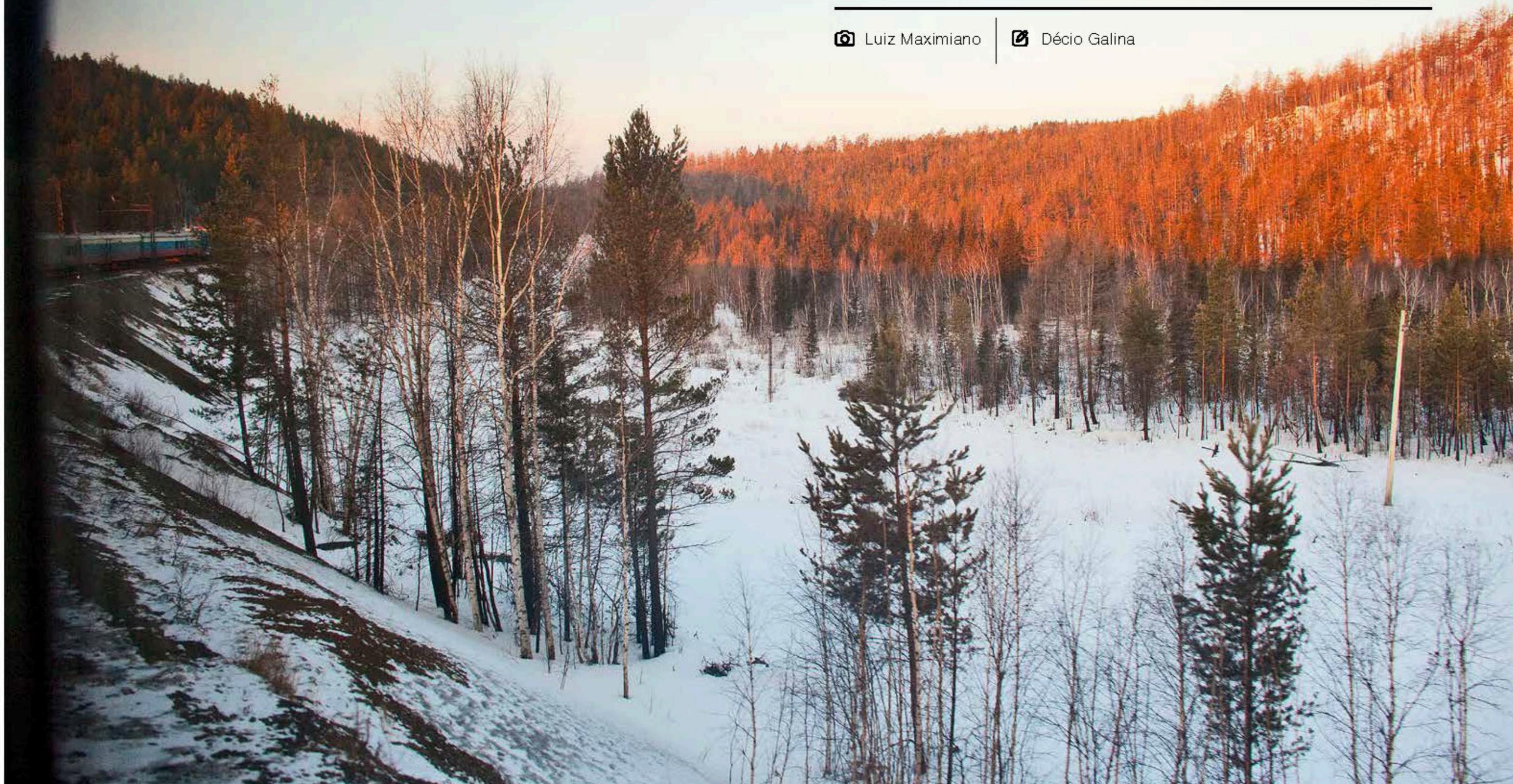


# Fragmentos transiberianos.

📷 Luiz Maximiano

✍️ Décio Galina



**Três viagens pela Transiberiana em três décadas. Em 2000, três paradas no ramal mais turístico, de Moscou a Pequim, cruzando a Mongólia. Em 2010, da capital russa até Vladivostok, na estilingada férrea mais comprida do planeta, 9.289 km. E a terceira em 2020 – que não aconteceu.**

## Universo paralelo

**1.**

Transiberiana: se a palavra demora para acabar, imagine os trilhos. São 9.289 quilômetros (o litoral brasileiro tem 7.491) em uma viagem de sete dias que beira a eternidade. Não chega nunca e tudo bem, você acostuma, em alguns casos, como o meu, não só acostuma como adora, chora com o nariz na janela, quer ir de novo, levar o filho. O *Rossya N°2* fura oito fusos horários, da estação Yaroslavski de Moscou a Vladivostok – e quem joga *War* sabe o que significa conquistar essa cidade estratégica da marinha russa, fechada para o ocidente até 1992, banhada pelo Mar do Japão e vizinha de parede da Coreia do Norte. O bichão para 66 vezes – em metade das estações fica pelo menos 10 minutos. Barabinsk é a parada mais longa: 42 minutos. Não importa onde esteja na Sibéria, o trem segue o fuso de Moscou, o que leva todos à insanidade de um universo paralelo. As refeições são servidas de acordo com o horário de um local que pode estar a 5 mil quilômetros. O café da manhã chega no meio do dia, o almoço no fim da tarde e o jantar te acorda. A cabine de segunda classe tem quatro lugares, que viram assentos ou camas. Eu e Luiz dividimos o espaço com dois russos. Mesmo depois de explicar que não falamos russo, eles seguem falando russo sem cerimônia, não há língua em comum, as conversas são ótimas, eles ajudam na hora de barganhar com vendedores que sobem no vagão nas paradas, você chora de rir, compartilha salame, faz sanduíche, brinda, olha junto pra Sibéria, divide o silêncio, fica mal na hora do adeus, sente saudades, depois vê fotos da cabine, volta a sorrir, suspira.

**2.**

O corredor de um vagão de segunda classe tem 35 passos e nove cabines. Sob a janela da cabine, uma mesa de 80 por 40 centímetros. O banheiro do vagão é comunitário e permanece limpo durante a jornada. A principal rotina consiste em se levantar e caminhar até o samovar para buscar água quente, seja para o chá, para a sopa e outras coisas asiáticas que você não entende muito bem o que são. Há um corrimão no corredor que facilita a tarefa de se apoiar e ficar olhando a janela por horas como se estivesse no cinema. Como você vai ficar ali quase que para sempre, aos poucos brotam os viajantes das cabines e o vagão se transforma em uma apertada vila, com gente levando vasos de flores na cabine e crianças brincando. Conforme a amizade cresce, o vizinho pode dar um peteleco na própria garganta e deixar escapar uma risadinha: significa que ele está chamando para um brinde na cabine. Quase tudo na Transiberiana é à base de vodca. Dor de cabeça? Põe um pouco de vodca. Dor nas costas? Passa vodca. Embrulho no estômago? Batata: vodca.

## Santa vodca







### Galope psicodélico

3.

Já não lembro direito como levei, se estava na carteira ou no meio das páginas do guia (*Lonely Planet*), mas tínhamos ácido nas estepes da Mongólia. Sob as ordens de Genghis Khan, a Mongólia foi o maior império da Terra, que varreu quase metade do planeta lá pelos idos de 1200 com estratégias de guerra planejadas a partir de cavalos a todo vapor e arqueiros fazendo chover flechas mortais. Até hoje a base desta rara nação nômade é o *ger*, lar de estrutura circular, desmontável em poucas horas, de um só cômodo sem janelas e fogão central com chaminé que perpassa uma parte transparente e central do teto, que funciona como relógio de sol. As casas redondas se espalham por mares de morros baixos como ovnis estacionados. Foi nesse cenário que, pimba, eu e um amigo mandamos o quadradinho de papel, montamos a cavalo – mais baixo do que de costume aqui nos trópicos – e saímos a milhão. Conforme você se aproxima de um ger, se sentindo o próprio Genghis, cães com pinta de lobos selvagens, que protegem os rebanhos de cabras e ovelhas, aparecem também a milhão, exibindo caninos raivosos dispostos a tudo. A única saída é galopar como se não houvesse amanhã até conseguir atracar em um ger mais amistoso. Ao se aproximar, não bata à porta – ela é considerada obra de arte (repare nos ornamentos pintados); prefira bater palmas para se anunciar. Entramos. Loucos, sem o menor diálogo em língua comum, mas falando pelos cotovelos, entendemos que o aparelho auricular do senhor mais velho da casa estava sem bateria. O ponto é que meu amigo também era meio surdo, então, às vezes, ele pedia para a família mongol repetir alguma frase, claro, incompreensível. Tomamos *airag* (leite de égua fermentado), comemos sei lá o quê, vimos fotos da família, agradecemos o momento mágico e voltamos para as estepes vazias.

### Emboscada no Baikal

4.

Em Tayshet, km 4.516 da Transiberiana, há uma bifurcação à esquerda (pra quem vem de Moscou) que leva ao norte do lago Baikal (o mais profundo do planeta com 1.637 metros) pelo ramal férreo BAM (Baikal-Amur Magistral). Não é muito normal um ocidental fazer turismo e dar as caras por lá. Quem visita o Baikal costuma ir para o sul do lago, tendo como base a turística cidade de Irkutsk (km 5.185), a Paris da Sibéria. Fomos para o norte, para Severobaikalsk. Certa noite, no restaurante com pistinha de dança, tivemos uma boa conexão com os ritmos e moças locais. Nada fora do normal para uma pistinha russa. Nada que justificasse a emboscada prestes a acontecer.

Na saída, um bosque levava para a pousada de Rashid Yahin, senhor de 64 anos, com o lado direito do corpo paralisado, sempre apoiado numa bengala, o único que fala inglês na cidade e organiza passeios para fins de mundo como Kholodnaya e Nizhneangarsk – ele está na área desde 1978, chegou para a construção da ferrovia. No caminho, entre árvores na escuridão, de trás da moita, surgiram rapazes violentos, desferindo golpes, um deles atingiu e derrubou um amigo, que não demorou a reagir e, de costas no chão, deu uma solada no peito do russo, que tombou para trás. Corri, gritei por ajuda, meu amigo se arrastou, escorregamos por um morro, chegamos a uma estrada e cambaleamos até a asa do Rashid. Mesmo abrigados, a tensão continuou, já que as paredes de madeira não seriam grandes obstáculos caso tentassem invadir.

Mas, OK, tudo certo, sem desdobramentos violentos, seguimos os dias de curtição nos cafundós da Sibéria. Rashid tem uma rede de amigos que trabalham como motoristas de um Lada (Vladimir e Valentina) e como piloto de barco (Victor). Victor só fala russo e, como era de se esperar, não se importa de passar horas tagarelando mesmo sabendo que você não entende uma vírgula de cirílico. Um dia tomamos um ácido a caminho do barco do Victor, para cruzar de oeste a leste o Baikal na sua ponta norte e começar o trekking de 9 quilômetros até o isolado Lago Frolikha, cercado por picos nevados. Caminhada fantástica. Às vezes, Victor para, faz desenhos com um graveto na terra, explica sabe-se lá o quê, seus olhos azuis brilham com o dia ensolarado. Lembro a sensação das botas serem lentamente chupadas pelo chão, como em uma areia movediça, ou como se fôssemos prolongamentos do solo siberiano. Logo na margem do lago, outra recordação é a de subir numa pedra já dentro d'água, num silêncio absoluto, e ser tomado pelo reflexo psicodélico da superfície. Tive dificuldades para sair dali – se é que saí.

## A troca da bitola

5.

As fronteiras criadas nos mapas trazem situações inusitadas para o cotidiano da Transiberiana. Bitola, por exemplo. Pode ser um problema. A usada na Mongólia é a mesma da Rússia, reflexo dos tempos da sombra soviética. Na China, claro, a bitola é diferente (é mais estreita do que a russa). E não tem conversa – os russos não vão se adaptar à bitola vizinha, e os chineses também não querem saber dessa história, tipo, foda-se, não é comigo. Então, veja que situação: quando o trem entra na China, passa por um galpão onde cada vagão é suspenso por um macaco hidráulico para colocarem rodas de bitola chinesa. Ali, o tempo para e nada pode acontecer além da observação da troca das rodas de um vagão.

No meio da madrugada, ficamos espertos antes de o vagão ir para o galpão, pois, uma vez lá dentro, as portas são trancadas e quem ficou, ficou. Em solo chinês, não dá para reparar a diferença do balanço do trem, agora com nova bitola. A vastidão do Deserto de Góbi vai ficando para trás e vilarejos chineses surgem sem alarde. Quando a locomotiva desacelera pela última vez para breicar em definitivo em Pequim, turistas ocidentais estouram champanhe na cabine e se abraçam. Desembarcar na capital chinesa um mês depois de embarcar na capital russa é quase como trocar de galáxia.

## Sonho cancelado

6.

Essa coisa de adorar andar de trem vem da realização da jornada sobre trilhos mais clássica na América do Sul, lá pelos idos dos meus 18 anos (hoje tenho 49): o Trem da Morte, como parte de um rolê não menos clássico no continente que é visitar Machu Picchu. Na época, o rolê férreo começava em Bauru (SP) e ia até Corumbá (MS), onde era necessário descer, atravessar a fronteira para a Bolívia e aí sim pegar outro trem até Santa Cruz de la Sierra. Eram três trens de diferentes velocidades – o mais lento era apelidado de da Morte, pois, vira e mexe, tombava e matava uma galera. Peguei este, com uns amigos de colégio. De tão lento, lembro da ocasião que a composição foi ultrapassada por um cachorro latindo em disparada. Lembro também que fiz boa parte do trajeto no teto do trem – isso mesmo, como era insuportável ficar no vagão lotado de caixas e pernalongos, o jeito foi escalar pela janela e passar horas lá em cima (só descemos quando apareceu a polícia e saímos correndo, saltando os vãos entre os vagões como se fôssemos James Bond, até “mergulhar” entre dois deles e voltar para dentro do trem).

Gostei tanto da brincadeira que, ao voltar para casa, pesquisei em livros e revistas qual era a maior viagem de trem disponível no planeta – assim, me deparei com a palavra Transiberiana pela primeira vez. Decidi que, um dia, iria. E fui, duas vezes, quase três. Minha primeira foi em 2000; a segunda, em 2010, só por solo russo, em companhia do fotógrafo Luiz Maximiano. Para completar a farra de uma Transiberiana a cada 10 anos, sonhei a terceira em 2020, com meu primogênito Nicolás, nas férias de julho, quando ele tinha 13 anos. O moleque cresceu viajando comigo Brasil a fora, ouvindo e lendo as histórias que invento para revistas. Mas veio a pandemia. Adiamos. E agora veio a guerra. Por causa de um tipo imbecil como o Putin, a maior viagem de trem do mundo subiu no telhado. País extraordinário, é como se a Rússia não existisse mais, nem para sonhos. Um enorme espaço murado no mapa-múndi. 11



54 55 O Rossya Nº2 faz a curva na paisagem nevada da Sibéria, enquanto fura oito fusos horários na maior estilingada férrea do planeta: 9.289 quilômetros de Moscou a Vladivostok

60 Passageiros aproveitam para esticar as pernas em uma das 66 paradas que o trem faz de Moscou a Vladivostok  
Pela janela do trem passam desde cidades com mais de 1 milhão de habitantes até lugares como este, que parecem abandonados

63 Em metade das estações da Sibéria, a composição descansa pelo menos 10 minutos antes de seguir viagem em um universo paralelo

63 Checagem de passaporte no início da viagem transiberiana na Estação Yaroslavski, em Moscou  
Interior da Estação Central de Vladivostok, com os dois extremos da viagem (Moscou e Vladivostok) pintados no teto

58 59 O corredor de um vagão de segunda classe tem 35 passos e funciona como sala de estar para os viajantes que se apoiam no corrimão para ver a Sibéria passar

64 65 Estátua de Lênin, em Vladivostok, no encontro das ruas Pervaya Morskaya e Aleutskaya, com a Estação Central (de trem) ao fundo

